

UM MUNDO EM QUE UM *ZUMBAYLLU* CANTA AOS VENTOS É POSSÍVEL: OS DESDOBRAMENTOS DE ERNESTO EM SI MESMO COMO MEDIAÇÃO PARA O DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E LITERATURA

Iuri da Silva Gomes *

RESUMO

Este ensaio, resultado de uma disciplina cursada no segundo semestre do ano de 2022, em um programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, visa reciclar os debates suscitados em aulas voltadas para o explorar da relação entre antropologia e literatura. Com o objetivo de analisar a obra *Os Rios Profundos*, de José Maria Arguedas, este texto centraliza a figura do personagem Ernesto para localizar as aproximações e os distanciamentos entre as referidas ciências. À guisa de explanação, este ensaio encontra-se organizado da seguinte maneira: 1) algumas reflexões sobre a relação antropologia e literatura a partir de textos como *O conceito de ficção* (2009), de Juan José Saer e *Literatura como antropologia especulativa* (2015), de Alexandre Nodari; 2) a apresentação do romance *Os Rios Profundos* (2005), de José Maria Arguedas, com foco em algumas das experiências do personagem principal Ernesto, notando os conflitos de pressupostos pelos quais ele atravessa; 3) e, por fim, uma discussão acerca dos *zumbayllu*, uma leitura que os visualize como artefatos de resistência em tempos sombrios, em diálogo com textos como *Un mundo ch'ixi es posible* (2018), de Silvia Cusicanqui, *Pode o subalterno falar?* (2010), de Gayatri Spivak, e *As existências mínimas* (2017), de David Lapoujade. Os resultados deste ensaio apontam que o explorar da relação entre antropologia e literatura viabiliza o forjar de um acervo teórico e reflexivo sobre a presença de ontologias outras em textos literários – verdadeiros tratados sociológicos, que falam a gerações e rompem com posturas reducionistas.

Palavras-chaves: Literatura e antropologia. Ontologias ameríndias. Literaturas hispânicas.

* Mestrando em Letras – Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Orientando da Profa. Dra. Laura Patricia Zuntini de Izarra, Profa. Titular da Universidade de São Paulo.

A WORLD IN WHICH A ZUMBAYLLU SINGS TO THE WINDS IS POSSIBLE: ERNESTO'S DEVELOPMENTS IN HIMSELF AS MEDIATION FOR THE DIALOGUE BETWEEN ANTHROPOLOGY AND LITERATURE

Iuri da Silva Gomes *

ABSTRACT

This essay, the result of a course taken in the second semester of 2022, in a postgraduate program in Social Anthropology at the University of São Paulo, aims to recycle the debates raised in classes aimed at exploring the relationship between anthropology and literature. With the aim of analyzing the work *Os Rios Profundos*, by José Maria Arguedas, this text centers the figure of the character Ernesto to locate the similarities and distances between the aforementioned sciences. By way of explanation, this essay is organized as follows: 1) some reflections on the relationship between anthropology and literature based on texts such as *The concept of fiction* (2009), by Juan José Saer and *Literature as speculative anthropology* (2015), by Alexandre Nodari; 2) the presentation of the novel *Os Rios Profundos* (2005), by José Maria Arguedas, focusing on some of the experiences of the main character Ernesto, noting the conflicts of assumptions he goes through; 3) and, finally, a discussion about the zumbayllu, a reading that views them as artifacts of resistance in dark times, in dialogue with texts such as *Un mundo ch'ixi es posible* (2018), by Silvia Cusicanqui, *Pode o subalterno fala ?* (2010), by Gayatri Spivak, and *Minimal Existences* (2017), by David Lapoujade. The results of this essay indicate that exploring the relationship between anthropology and literature makes it possible to forge a theoretical and reflective collection on the presence of other ontologies in literary texts – true sociological treatises, which speak to generations and break with reductionist stances.

Keywords: Literature and anthropology. Amerindian ontologies. Hispanic literatures.

* Master's student in Letters - Linguistic and Literary Studies in English at the Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences of the University of São Paulo (FFLCH/USP). Fellow of the São Paulo Research Foundation (FAPESP). Advised by Prof. Dr. Laura Patricia Zuntini de Izarra, Full Professor at the University of São Paulo.

INTRODUÇÃO

Na tentativa de explorar os diálogos realizados na disciplina “Antropologia e Literatura: trânsitos e contaminações”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), ministrada pelo Prof. Dr. Pedro de Niemeyer Cesarino no segundo semestre do ano de 2022, este texto, que é também uma culminância de parte do que foi trabalhado em suas aulas, tem como objetivo refletir sobre os “trânsitos e as contaminações” entre antropologia e literatura. Para atingir esse intento, o personagem Ernesto do romance *Os Rios Profundos* (2005), de José Maria Arguedas, servirá como *leitmotiv* para a elaboração discursiva aqui desejada, dada a relevância de seus deslocamentos, experiências vividas e memórias agenciadoras de existências outras em um cenário complexo, em um verdadeiro “espaço da dor” (DELCASTANGÉ, 1996).

Sem a intenção de esgotar o debate, busco tecer reflexões que destaquem a contribuição da aproximação de diferentes áreas do conhecimento para o questionamento de problemas contemporâneos. Interessa-me, sobretudo, investigar Ernesto e seus artifícios subjetivos enquanto agências (de)enunciadoras de modos de existência, e para além dessas incursões subjetivas irei me valer, também, da potencialização que o personagem realiza de objetos e “coisas”. Penso, por fim, que tal propósito, o de entranhar-se nas profundezas humanas e não humanas, e delas extrair lições para a construção de um modelo civilizatório outro, atravessa tanto uma antropologia como uma literatura engajadas com a valorização dos “regimes de pensamento” dos vencidos, e é por visualizar isso em Ernesto que pretendo iniciar a travessia desse rio, mesmo sem ter a certeza de que chegarei em terras firmes ao término – que também é um começo – dessa empreitada.

À guisa de explanação, este ensaio possui uma estrutura que visa fazer jus à beleza do romance objeto deste estudo, como também ao tratamento científico e sólido que determinados textos dão à relação antropologia e literatura. Assim, apresento 1) algumas reflexões sobre a relação antropologia e literatura a partir de textos como *O conceito de ficção* (2009), de Juan José Saer e *Literatura como antropologia especulativa* (2015), de Alexandre Nodari; 2) a apresentação do romance *Os Rios Profundos* (2005), de José Maria Arguedas, com foco em algumas das experiências do personagem principal Ernesto, notando os conflitos de pressupostos pelos quais ele atravessa; ainda com foco na elaboração reflexiva desse segundo momento, os textos de Marcos Natali, *José María Arguedas Aquém da Literatura* (2005) e

Aspectos elementares da insurgência indígena: notas em torno de Os Rios Profundos (2018), também servirão como sustentáculos para a reflexões tecidas sobre o romance; 3) e, por fim, uma discussão acerca dos *zumbayllu*, uma leitura que os visualize como artefatos de resistência em tempos sombrios, em diálogo com textos como *Un mundo ch'ixi es posible* (2018), de Silvia Cusicanqui – do qual inclusive inspiro-me para a confecção do título deste texto –, *Pode o subalterno falar?* (2010), de Gayatri Spivak, e *As existências mínimas* (2017), de David Lapoujade; entre outros.

ANTROPOLOGIA E LITERATURA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

Os textos mobilizados para a reflexão sobre antropologia e literatura assinalam ambos “o caráter duplo da ficção, que mescla, de um modo inevitável, o empírico e o imaginário” (SAER, 2009, p. 02). Como lembra Nodari (2015) em sua leitura de Milan Kundera, “está em jogo na ficção a exploração de um território novo da existência por meio de “egos imaginários”, alter-egos” (NODARI, 2015, p. 81), e prossegue ressaltando que o romance não examina a realidade, mas sim a existência. A existência não é o que aconteceu, a existência é o campo das possibilidades humanas, tudo aquilo que o homem pode tornar-se, tudo aquilo de que é capaz (KUNDERA, 2009, p. 46 apud NODARI, 2015, p. 81).

Pensar a ficção como o território do vir a ser é valorizar o imaginário e suas possibilidades de nutrir o mundo real com alternativas outras para as relações sociais. Ao passo que a antropologia “cartografa mundos possíveis, constituindo uma cosmografia comparada das perspectivas do *anthropos*, aquilo que a literatura cartografa são mundos inexistentes, sendo uma cosmografia comparada das perspectivas *extra-mundanas*” (NODARI, 2015, p. 81, grifos do autor).

Vimos que Nodari localiza e delimita a relação da antropologia frente a literatura: a primeira cartografa os mundos possíveis e a última os mundos inexistentes. Interessante notar que, embora não mapeie o existente, e sim o inexistente, o que a literatura realiza, como pontua Nodari, é ainda assim uma cartografia, ou seja, a inscrição e a representação de um determinado projeto que fala ao social e ao cultural, e que reivindica um olhar atencioso para as trocas e os conflitos de ordem humanas.

Como lembra Saer (2009, p. 02), “ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento” de uma determinada situação, e não se traduz por isso como uma “exposição romanceada de tal ou qual ideologia, mas um tratamento

específico do mundo, inseparável do que trata” (SAER, 2009, p. 02), daí a proposição de Saer de identificar a ficção como uma *antropologia especulativa*; pois, especula-se sobre e a respeito do inexistente, sem a intenção de anulá-lo ou de elevá-lo ao estatuto da verdade, mas sim mostrar que “não só um outro mundo é possível – como também um outro possível é mundo” (NODARI, 2015, p. 83).

Veremos que a leitura de *Os Rios Profundos* à luz da relação antropologia e literatura, dos encontros e trocas entre o possível o impossível, e dado o contexto histórico que atravessa o romance, convoca os leitores e os projetos culturais vigentes a uma desarticulação de pressupostos ontológicos reducionistas, e o faz sem deixar de ser literatura, o que é válido ressaltar.

OS RIOS PROFUNDOS: ONTOLOGIAS OUTRAS E RESISTÊNCIA

Publicado em 1958, *Los Ríos Profundos* é uma obra que apresenta um contexto de dominação cultural dos espanhóis frente a uma comunidade local, representada no texto de Arguedas pelos quéchua. O romance parte dos andes peruanos para representar os (des)feitos da colonização na vida dos povos locais. Trata-se de uma narrativa que descortina o cenário violento elaborado pela lógica dominador *versus* dominado. O texto de Arguedas apresenta o processo de transculturação no âmbito peruano em particular e das Américas em geral (BAPTISTA, 2005). De acordo com Rama (2001, p. 23), “a transculturação é o processo de desarraigamento das culturas tradicionais”, ou seja, trata-se de uma atividade que dá fim a algo, e que tenta extirpar modelos civilizatórios a partir de uma dominação linguística, cultural, religiosa, dos hábitos e dos costumes tradicionais.

O romance apresenta o processo de amadurecimento de Ernesto, um menino de 14 anos que se vê frente às injustiças do mundo adulto do qual faz parte. A história começa em Cusco, onde Ernesto e seu pai Gabriel chegam. Gabriel, um advogado itinerante, procura um parente rico chamado O Velho, para pedir trabalho e abrigo – O Velho, a busca por ele, é o que dá início ao romance. Mas Gabriel não consegue. Ele então recomeça suas andanças por muitas cidades e vilas do sul do Peru. Em Abancay, Ernesto é matriculado como interno em uma escola religiosa, enquanto seu pai continua suas viagens em busca de trabalho.

Ernesto passa a viver com os alunos internos, que são um microcosmo da sociedade peruana – na qual convivem jovens mestiços, indígenas, espanhóis, filhos de fazendeiros e gente da comunidade –, e essa vivência é pautada por comportamentos cruéis, violentos, que parecem

ser a norma para a convivência no local. Adiante, e fora dos limites da escola, um grupo de *chicheras*³ se amotina, exigindo a distribuição de sal, e uma massa de camponeses indígenas entra na cidade para pedir uma missa pelas vítimas do tifo epidêmico, que se deu no vilarejo. Isso leva Ernesto a uma crise profunda de consciência, pois ele se vê frente a caminhos ambíguos, mundos cindidos, nos quais seus pressupostos são provocados: ou o personagem se guia pelos valores de libertação do povo oprimido ou compactua com o regime de violência vigente.

Ernesto se singulariza enquanto personagem à medida em que suas ações destoam do coro violento expressado pelos demais colegas e padres da escola religiosa. O personagem, por exemplo, é açoitado por ter escolhido um lado na revolta das *chicheras*, o lado dos vencidos: “O padre diretor me levou até a capela do Colégio. Diante do pequeno altar enfeitado com flores artificiais, açoitou-me” (ARGUEDAS, 2005, p. 148). O romance termina quando Ernesto deixa Abancay e vai para uma fazenda de propriedade de “El Viejo”, situada no vale do Apurímac, aguardando o retorno de seu pai.

Ernesto é um personagem que apresenta desdobramentos de ordem subjetiva, moral, cultural, e suas experiências são dolorosas, pois a sociedade com a qual interage está corrompida por um discurso e práticas vexatórias para com o outro, com a cultura alheia, a cultura dos indígenas e suas ontologias. Trata-se de uma figura híbrida, um menino branco, filho de espanhol, matriculado em um colégio religioso, de ordem colonial, angustiado pelas violências que presencia e pelo fato de não se encaixar nesse mundo dividido em compartimentos – a natureza, digamos, do mundo colonial, como já lembrava Frantz Fanon (1968, p. 27). Natali (2018, p. 243) lembra que a obra de Arguedas “deve ser lida como um longo e angustiado experimento de procedimentos para lidar com o conflito linguístico e cultural”, e Ernesto carrega essa angústia, o que o faz questionar, por exemplo, a natureza de sua gente e humanidade: “O quê, o que é, afinal, a gente?” (ARGUEDAS, p. 247). Essa pergunta é atravessada por um espanto, e se traduz como um chamamento para a elaboração de um pensamento crítico-reflexivo acerca das escolhas e rumos de sua sociedade.

Natali (2018, p. 08), recuperando a contribuição do crítico Ángel Rama, destaca que no interior do romance há três vozes narrativas: “Ernesto adolescente, com 14 anos, testemunha dos acontecimentos; Ernesto adulto, recordando o período do colégio interno; e um terceiro

³ Mulheres indígenas que produzem a bebida “chicha”, bebida dos tempos pré-colombianos.

narrador, que com a voz de um antropólogo explica e traduz o sentido das experiências formadoras”. O adolescente de 14 anos, testemunha dos acontecimentos, elabora sua visão sobre o mundo a partir do choque cultural, e desenha uma resistência que se vincula aos postulados poético-sensíveis de uma resistência indígena, dado o seu convívio, quando das andanças do pai pelos Andes, com indígenas da região.

O Ernesto adulto, que recupera os eventos do colégio, enfatiza a violência dessa instituição, a lógica católica ali vigente, sua corrosão interna e artificialidade – como as flores do altar, artificiais, que o personagem evidenciou em trecho já citado. O terceiro narrador, a voz do antropólogo, está no romance como um mediador das vivências das personagens. Trata-se de uma voz que explica artefatos culturais, que cartografa uma região e nela identifica culturas autênticas e modelos civilizatórios, são vozes que mostram que “há infinitas formas de organizar valores e normas culturais” (MONTERO, 1991, p. 117), contrapondo-se, assim, a ideias únicas e totalitárias.

OS ZUMBAYLLUS: MENSAGEIROS ENTRE DOIS MUNDOS

O jovem Ernesto, em um de seus testemunhos presente no capítulo de nome “Quebrada funda”, parte essa que inicia com a narração do açoite do menino pelo padre, em decorrência do jovem ter se filiado à revolta das *chícheras*, interage com o *zumbayllu* - nome para pião na linguagem inca. O primeiro contato de Ernesto com um *zumbayllu* é apresentado no capítulo de mesmo nome, o sexto capítulo do romance, e foi durante o recreio do internato. Ernesto fica compenetrado ao ver um *zumbayllu* pela primeira vez: “O canto do *zumbayllu* penetrava no ouvido, avivava na memória a imagem dos rios, das árvores pretas que pendem das paredes dos abismos” (ARGUEDAS, 2005, p. 94).

Ao ver a reação de Antero, apelidado de Markask’a, seu amigo de colégio e externo, Ernesto projeta um sentimento de dúvidas: “Olhei para o rosto de Antero. Nenhum menino contempla um brinquedo desse jeito” (ARGUEDAS, 2005, p. 94). Antero potencializa com seu olhar alguma característica ou magia dos *zumbayllu* que Ernesto até então não havia experienciado, e prossegue: “Que semelhança havia, que corrente, entro o mundo dos vales profundos e o corpo desse pequeno brinquedo imóvel, quase proteico, que escavava, cantando, a areia na qual o sol parecia dissolvido?” (ARGUEDAS, 2005, p. 94).

Ernesto, por perceber com admirável perspicácia as nuances desse mundo cindido, cujas sombras ele percebe excessivamente (ARGUEDAS, 2005, p. 312), elenca uma série de

perguntas a respeito do *zumbayllu*, que fogem aos ditames coloniais operantes daquela sociedade, e que vão de encontro ao tratamento que pretendo dar ao texto daqui em diante. O personagem interroga se há uma semelhança do objeto a sua frente com o mundo dos vales profundos, com a terra que ele habita e preenche de sentidos. Sem a intenção de buscar uma resposta, parto para possíveis reflexões que podem surgir dos questionamentos de Ernesto. Ao interrogar aquele pequeno brinquedo imóvel, suas possíveis confluências com a terra em que pisa, o personagem já o eleva a um nível de compreensão sofisticado, e já não mais o trata como um mero brinquedo, e sim como algo que fala aos seus, que, ao levantar a poeira do solo em que gira, traz e leva mensagens, articula ausências e presenças.

Figura 1 – Jogando pião



Fonte: Jogando Pião (2007), de Julio Cesar Brigatto Julio

O contato de Ernesto com o *zumbayllu* é mediado por Markask’a, que o oferece um: “Este é uma mistura de anjo com bruxos – disse. *Layk’a* por seu fogo e *winku* por sua forma, diabos [...]” (ARGUEDAS, 2005, p. 160). Ernesto guarda-o em seu bolso e diz: “Examinei-o devagar com os dedos. Era um *winku* de verdade, ou seja, disforme, sem deixar de ser redondo; e *layk’a*, ou seja, bruxo, porque avermelhado com manchas difusas” (ARGUEDAS, 2005, p. 160). Após o desvendar das características do *zumbayllu*, Ernesto pergunta a Markask’a: “Se eu o fizer dançar, e soprar seu canto na direção de Chalhuanca, será que ele chega aos ouvidos de meu pai?” (ARGUEDAS, 2005, p. 160). Markask’a diz que sim, pois para o *zumbayllu* não existe distância. Ernesto, então, ensaia o bailar do brinquedo, coloca seus lábios sobre um de seus olhos e diz: “Diga a meu pai que estou resistindo bem; embora meu coração se assuste, estou resistindo. E você lhe dará seu ar na testa. Cantará para sua alma. Puxei o cordel” (ARGUEDAS, 2005, p. 160).

Esse trecho é revelador da elaboração de uma agência de resistência frente a um cenário complexo, e de conflitos de pressupostos. O *zumbayllu*, a partir desse momento, recebe uma identidade, trata-se de um veículo de afetividade – a mensagem de Ernesto para o pai distante – e um artifício contra hegemônico no sentido de que produz uma rota alternativa aos sofrimentos e distâncias, às dores e violências. Esse objeto, que é uma coisa, guarda sua singularidade e se inscreve na vida dos personagens que o utilizam como um canal para o compartilhamento do sentimento e ações de resistência, como um “amuleto”, algo mágico, um ser transcendente. Trata-se de uma “existência mínima”, mas que cujo giros e características guardam significados insurgentes.

Para Lapoujade (2017, p. 32), “para ser coisa, uma existência deve estar ligada a outras e formar com elas uma unidade sistemática, compor uma história que as ligue em um cosmos definido”. Tal é caso do *zumbayllu*: “A terminação quéchua *yllu* é uma onomatopeia. *Yllu* representa, numa de suas formas, a música que produzem as pequenas asas em voo; música que surge do movimento de objetos leves (ARGUEDAS, 2005, p. 88). E o cosmos definido dessa coisa é o seu caráter de resistência, pois, como lembra Markask’a a Ernesto: “[...] um canto não se queima nem se congela” (ARGUEDAS, 2005, p. 161). Atuar nesse cenário opressor a partir da interação com o *zumbayllu* é habitar a crise de forma produtiva (CUSICANQUI, 2018, p. 113).

O título deste ensaio advém de um paralelo feito com o texto *Un mundo ch’ixi es posible* (2018), da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui. A ideia de “mundo *ch’ixi*” é uma referência às reflexões que em língua aymara se faz sobre o abigarrado, um termo que define superfícies em que partes de distintas cores – negras e brancas, por exemplo – são reconhecíveis, de perto, mas que, à distância, parecem de um cinza homogêneo; assim, visualizamos o conceito pensando, por exemplo, em elementos como granito ou a pele de animais malhados (PIMENTEL, 2018). “O mundo *ch’ixi*” é aquele território atravessado por realidades diferentes, leia-se culturas e modos de existência, e que convivem lado a lado. Todavia, a valorização dos diferentes não é um caminho dado, ele precisa ser construído.

“Um mundo em que um *zumbayllu* canta aos ventos é possível” parte da compreensão de que “[...] es necesario retomar el paradigma epistemológico indígena, una epistemología en la que los seres animados o inanimados son sujetos, tan sujetos como los humanos, aunque sujetos de muy otra naturaliza” (CUSICANQUI, 2018, p. 90). Ou seja, trata-se de uma “reivindicação do voltar”, do voltar até às culturas originárias e recuperar epistemologias para

um bem viver. Um mundo em que um *zumbayllu* canta seria um mundo em que a beleza, o encanto, o poético e o sobrenatural formam um sustentáculo para que as sociedades possam articular suas vivências. Essa coisa de “existência mínima”, o *zumbayllu*, esse ser subalterno pode, sim, falar. Ernesto, ao questionar o *zumbayllu* antes de um contato mais próximo, realiza aquilo que Cusicanqui acredita ser vital, também, para a mudança de paradigmas: “Tenemos que hacer de todo aquello que miramos, que vivimos, una materia para el pensamiento” (CUSICANQUI, 2018, p. 88).

O romance *Os Rios Profundos*, para além da apresentação do *zumbayllu* como um dispositivo de resistência, oferece outros caminhos para essa mesma leitura aqui realizada, dada a complexidade – no melhor sentido que essa palavra possa ter – de suas personagens, ações narrativas e estrutura da obra. Todavia, por uma questão de espaço e delimitação do tema, optou-se por ensaiar algumas reflexões em torno desse “brinquedo-coisa” e de suas potencialidades subversivas a partir dos desdobramentos do personagem Ernesto, esse menino que é a síntese de uma crise de identidade que atravessou os peruanos, e quiçá o próprio Arguedas, mas que ainda nessa crise aponta para caminhos saudáveis de troca cultural, e de busca por um bem-viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto teve como objetivo, a partir das vivências do personagem Ernesto, contribuir para as discussões acerca dos trânsitos e contaminações entre antropologia e literatura. As experiências desse personagem, reveladas através de suas memórias, apresentam uma personalidade em formação, uma subjetividade sendo elaborada frente a situações conflituosas.

Ernesto, a despeito de seu histórico familiar e geográfico, de sua formação no internato católico, revela-se um sujeito aberto a possibilidades de se pensar e agir de outra maneira, que não a alimentada por inimigos e discursos colonizantes. Para além disso, é louvável destacar a presença de personagens indígenas do sexo feminino na narrativa, e suas representações como verdadeiras revolucionárias – tema esse que, infelizmente, não tive tempo de desenvolver.

Por fim, encaminho o texto recuperando uma de minhas promessas: a de atar parte dos pensamentos aqui lançados com os problemas contemporâneos da sociedade brasileira. É inegável que uma profunda crise circulou e atravessou a nossa realidade, e que comunidades originárias tiveram seus direitos vilipendiados.

Ler e escrever sobre *Os Rios Profundos*, notar a presença das ontologias indígenas e a sua desvalorização pelo viés ocidentocêntrico e por políticas da morte, é um exercício-protesto, é uma escrita atravessada por memórias – e sentimentos de revolta – de casos contemporâneos de ataque a essas culturas e de violação aos direitos humanos; é, sobretudo, adentrar os rios profundos de nossas histórias e dentro deles reivindicar um outro modelo civilizatório – aquele em que um *zumbayllu* possa cantar.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Pedro Cesarino pelas contribuições substantivas em aula, e claro, pela qualidade na condução da disciplina. Axé Muntu. Vida boa hoje e sempre!

REFERÊNCIAS

- ARGUEDAS, José María. **Os rios profundos**. (Trad. de Josely Vianna Baptista). São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Un mundo ch'ixi es posible**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **O espaço da dor**: o regime de 64 no romance brasileiro. Editora UnB, 1996.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1968.
- JULIO, JULIO CESAR BRIGATTO. **Jogando Pião**. Original de arte, pintura, 50 X 60 cm. Disponível em: <https://www.artmajeur.com/juliobrigato/pt/artworks/2576981/jogando-piao>. Acesso em 11 ago. 2022.
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo, N-1, 2017.
- MONTERO, Paula. **Reflexões sobre uma antropologia das sociedades complexas**. Revista de Antropologia, p. 103-130, 1991.
- NATALI, Marcos. **Aspectos elementares da insurreição indígena**: Notas em torno a Os rios profundos, de José María Arguedas. Literatura e sociedade 2, 2018.
- NATALI, Marcos. **José María Arguedas aquém da literatura**. Estudos Avançados 19 (55), pp. 117-128, 2005.
- NODARI, Alexandre. **A literatura como antropologia especulativa**. Revista da ANPOLL, 2015.
- SAER, Juan José. **O conceito de ficção**. Sopro 15, p.. 1-4, 2009.
- SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010

***Este trabalho foi originalmente publicado no livro “Diálogos Científicos” (2023), da Editora Coletivo Cine-Fórum, disponível em www.coletivocineforum.com/livros*